



A Santa Sé

DIÁLOGO DO PAPA FRANCISCO COM UM GRUPO DE JOVENS DA BÉLGICA

Segunda-feira, 31 de Março de 2014

Eles fazem parte de um grupo de jovens que surgiu durante a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, porque no Rio quiseram comunicar também aos demais jovens flamengos o que fizeram ali; eles são um grupo de doze pessoas — de resto, os outros estão ali fora — vieram também com...

...mas depois eu quero saudá-los, os outros, sim!

Então, podemos organizá-lo... E eles fazem verdadeiramente este trabalho de entrar, de penetrar nos meios de comunicação como jovens, começando a partir da sua inspiração cristã. É também neste sentido que querem dirigir-lhe algumas perguntas. Contudo, ela não é crente — portanto, daquele grupo são quatro — e ela não é crente, mas também isto nos parecia importante, porque somos uma sociedade muito laica, na Flandres, e sabemos que temos uma mensagem para todos. Portanto, ela sentia-se muito feliz...

Ah, eu gosto disto! Somos todos irmãos!

Verdadeiramente, sim! A primeira pergunta é: obrigado por ter aceite o nosso pedido, mas: por que o aceitou?

Quando sinto que um jovem ou uma jovem tem inquietação, sinto que é meu dever servir estes jovens, prestar um serviço a tal inquietação, porque esta inquietação é como uma semente, que depois progredirá e dará frutos. E neste momento eu sinto que convosco presto um serviço àquilo que neste momento é mais precioso, que é a vossa inquietação.

Um jovem: Neste mundo cada qual procura ser feliz. Mas nós quisemos interrogar-nos: Vossa

Santidade sente-se feliz, e por quê?

Absolutamente sim, sinto-me feliz! E sou feliz porque... não sei porque... talvez porque tenho um trabalho, não sou um desempregado; tenho uma ocupação, um trabalho de pastor! Sou feliz porque encontrei o meu caminho na vida, e percorrer este caminho torna-me feliz. É também uma felicidade tranquila, porque nesta idade não se trata da mesma felicidade de um jovem, pois há uma diferença. Uma certa paz interior, uma paz profunda, uma felicidade que vem inclusive com a idade. E também com um caminho que sempre apresentou problemas; até agora existem problemas, mas esta felicidade não se esvaece com os problemas, não: vê os problemas, sofre por causa deles e depois vá em frente; faz algo para os resolver e depois vá em frente. Mas no profundo do coração residem esta paz e esta felicidade. Para mim, trata-se verdadeiramente de uma graça de Deus. É uma graça. Não é mérito pessoal!

Um jovem: Vossa Santidade manifesta-nos de muitos modos o seu grande amor pelos pobres e pelas pessoas feridas. Por que motivo isto é tão importante para Vossa Santidade?

Porque este é o âmago do Evangelho. Sou crente, creio em Deus, creio em Jesus Cristo e no seu Evangelho, e o cerne do Evangelho é o anúncio aos pobres. Por exemplo, quando tu lês as Bem-Aventuranças, ou quando lês o cap. 25 de Mateus, vês ali como Jesus é claro a este propósito. E Jesus diz de si mesmo: «Vim para anunciar aos pobres a libertação, a saúde, a graça de Deus...». Aos pobres! Aqueles que têm necessidade de salvação, que precisam de ser acolhidos na sociedade. Depois, quando tu lês o Evangelho, vês que Jesus tinha uma certa preferência pelos marginalizados: os leprosos, as viúvas, as crianças órfãs, os cegos... as pessoas marginalizadas. E também os grandes pecadores... e esta é a minha consolação! Sim, porque Ele não se amedronta nem sequer diante do pecado! Quando encontrou uma pessoa como Zaqueu, que era um ladrão, ou como Mateus, que era um traidor da pátria pelo dinheiro, Ele não se assustou! Olhou para eles e escolheu-os. Também esta é uma pobreza: a pobreza do pecado. Para mim, o âmago do Evangelho pertence aos pobres. Há dois meses ouvi uma pessoa dizer que por isso ele fala dos pobres, por isso tem esta preferência: «Este Papa é comunista». Não! Esta é uma bandeira do Evangelho, não do comunismo: do Evangelho! Mas a pobreza sem ideologia, a pobreza... E por isso creio que os pobres estão no centro do anúncio de Jesus. É suficiente lê-lo! O problema é que depois esta atitude em relação aos pobres às vezes, na história, foi ideologizada. Não, não é assim: a ideologia é algo diferente. É assim no Evangelho, é simples, muito simples. Isto vê-se também no Antigo Testamento. É por isso que os ponho sempre no centro.

Uma jovem: Não creio em Deus, mas os seus gestos e os seus ideais inspiram-me. Talvez Vossa Santidade tenha uma mensagem para todos nós, para os jovens cristãos, para as pessoas que não acreditam ou que têm outro credo, ou que crêem de modo diverso?

Para mim, é preciso procurar a autenticidade no modo de falar. E para mim a autenticidade

consiste nisto: estou a falar com irmãos! Todos somos irmãos! Crentes, não-crentes, desta confissão religiosa ou da outra, judeus, muçulmanos... somos todos irmãos! O homem está no centro da história, e isto para mim é muito importante: o homem está no centro! Neste momento da história, o homem foi removido do centro, escorregou rumo à periferia, e no centro — pelo menos neste momento — estão o poder e o dinheiro. E nós temos que trabalhar pelas pessoas, pelo homem e pela mulher, que são a imagem de Deus. Por que motivo os jovens? Porque os jovens — retomo aquilo que eu disse no início — são a semente que dará fruto ao longo do caminho. Mas também em relação àquilo que acabei de dizer: neste mundo, onde no centro se encontram o poder e o dinheiro, os jovens são afastados. São afastadas as crianças — não queremos crianças, queremos sempre menos crianças, famílias pequenas: os filhos não são desejados. São afastados os idosos: muitas pessoas idosas morrem devido a uma eutanásia escondida, porque não são cuidadas e assim morrem. E agora são afastados os jovens. Pensai que na Itália, por exemplo, o desemprego juvenil, dos jovens com menos de 25 anos, é quase de 50%; na Espanha é de 60% e na Andaluzia, no sul da Espanha, é de quase 70%... Não sei qual é a percentagem de desemprego na Bélgica...

...um pouco menos: 5-10%...

É pouco, é pouco, graças a Deus! Mas pensai no que significa uma geração de jovens que não têm trabalho! Tu podes dizer-me: «Mas podem comer, porque a sociedade lhes dá de comer». Sim, mas isto não é suficiente, porque eles não têm a experiência da dignidade de levar o pão para casa. E este é o momento da «paixão dos jovens». Nós entramos numa cultura do descartável: aquilo que não é útil para esta globalização é descartado. Os idosos, as crianças e os jovens. Mas deste modo descarta-se o futuro de um povo, porque nas crianças, nos jovens e nos idosos está o porvir de um povo. As crianças e os jovens, porque farão progredir a história, e os idosos porque devem transmitir-nos a memória de um povo, como se realizou o caminho de um povo. E se eles forem descartados, teremos um grupo de pessoas sem força, porque já não haverá tantos jovens e crianças, e sem memória. E isto é extremamente grave! Por isso, acredito que devemos ajudar os jovens, a fim de que possam desempenhar o seu papel na sociedade, necessário neste difícil momento histórico.

Mas Vossa Santidade tem uma mensagem específica, muito concreta para nós, a fim de que nós — talvez — possamos inspirar outras pessoas, como faz Vossa Santidade, e até pessoas que não acreditam?

Disseste uma palavra muito importante: «concreta». É uma palavra extremamente importante, porque na realidade da vida tu vais em frente; mas só com ideias não progrides! Isto é muito importante! E creio que vós, jovens, deveis ir em frente com esta realidade da vida. Muitas vezes também com gestos ligados às situações, porque é necessário fazer isto, aquilo... mas inclusive mediante estratégias... Dir-te-ei algo. Devido ao meu trabalho, também em Buenos Aires, falei com muitos políticos jovens que passavam para me cumprimentar. E estou feliz por isto porque

eles, tanto da esquerda como da direita, falam com uma nova música, com um novo estilo de política. E isto infunde-me esperança. E acredito que neste momento a juventude deve fazer-se ao largo e ir em frente. Que sejam intrépidos! Isto incute-me esperança. Não sei se te respondi: ser concreto nas ações!

Um jovem: Quando leio os jornais, quando olho ao meu redor, pergunto-me se a raça humana é verdadeiramente capaz de salvaguardar este mundo e a própria raça humana. Vossa Santidade compartilha esta minha dúvida? (a tradutora)... Descartamos, como dizia. Também Vossa Santidade às vezes tem esta dúvida e diz: mas onde está Deus em tudo isto?

Acerca desta questão, interrogo-me duplamente: onde está Deus, onde está o homem? É a primeira pergunta que, na narração da Bíblia, Deus dirige ao homem: «Adão, onde estás?». É a primeira interrogação feita ao homem. Agora, também eu me interrogo: «Tu, homem deste século XXI, onde estás?». E isto faz-me pensar inclusive na outra pergunta: «Vós, Deus, onde estais?». Quando o homem se encontra a si mesmo, procura a Deus. Talvez não consiga encontrá-lo, mas encaminha-se por uma senda de honestidade, à procura da verdade, por uma vereda de bondade, por um caminho de beleza. Para mim, uma pessoa jovem que ama a verdade e que a procura, ama a bondade e é bondosa, é uma pessoa boa; procura e ama a beleza, está no bom caminho e certamente encontrará Deus! Cedo ou tarde, encontrá-lo-á! Mas o caminho é longo e algumas pessoas não a encontram na vida. Não a encontram de maneira consciente. Mas são tão autênticos e honestos consigo mesmos, tão bons e tão amantes da beleza, que no final formam uma personalidade muito madura, capaz de um encontro com Deus, que é sempre uma graça. Pois o encontro com Deus é uma graça. Nós podemos percorrer o caminho... Alguns encontram-no nas outras pessoas... É uma vereda que deve ser percorrida... Cada um deve encontrá-lo pessoalmente. Deus não se encontra por boatos, nem se paga para encontrar Deus. Trata-se de um caminho pessoal, é assim que o devemos encontrar. Não sei se respondi à tua pergunta...

Todos nós somos humanos e portanto cometemos erros. O que lhe ensinaram os seus erros?

Errei, errei... Na Bíblia, no Livro da Sabedoria, afirma-se que o homem mais justo erra sete vezes por dia! ... Para dizer que todos nós erramos... Diz-se que o homem é o único animal que cai duas vezes no mesmo ponto, porque não aprende imediatamente dos seus erros. Alguém pode dizer: «Eu não errei!», e não melhora; isto leva-nos à vaidade, à soberba, ao orgulho... Na minha opinião, também na minha vida os erros foram e são grandes mestres de vida. Grandes mestres: ensinam-nos muito! Humilham-nos também, porque podemos sentir-nos super-homens, supermulheres, e depois erramos, e isto humilha-nos e volta a pôr-nos no nosso lugar. Não diria que aprendi de todos os meus erros, não: creio que de alguns deles não aprendi porque sou teimoso, e não é fácil aprender. Mas aprendi de muitos erros, e isto fez-me bem, fez-me bem! E inclusive reconhecer os erros é importante: errei aqui, errei ali, errei lá... E também é preciso prestar atenção para não voltar a cometer o mesmo erro, para não voltar ao mesmo poço... É

algo positivo, o diálogo com os próprios erros, porque eles nos ensinam; e é importante que nos ajudem a ser um pouco mais humildes, pois a humildade faz muito bem, muito bem para as pessoas, para nós; faz-nos muito bem! Não sei se era esta a resposta...

A tradutora: Vossa Santidade tem um exemplo concreto, do modo como aprendeu de um erro? Ela (a jovem que fez a pergunta) é ousada...

Não, di-lo-ei, já o escrevi num livro, é de domínio público. Por exemplo, no governo da vida da Igreja. Fui nomeado superior quando era ainda muito jovem, e cometi tantos erros com o autoritarismo, por exemplo. Eu era demasiado autoritário, com 36 anos... E depois aprendi que é preciso dialogar, é necessário ouvir o que os outros pensam... Mas não aprendemos uma vez para sempre, não! O caminho é longo! Este é um exemplo concreto. E assim da minha atitude um pouco autoritária, como superior religioso, aprendi a encontrar um modo para não ser tanto autoritário, ou para já não o ser... mas ainda cometo erros! Estás contente? ... Queres ousar mais?

Uma jovem: Eu vejo Deus nos outros. Onde vê Vossa Santidade Deus?

Eu procuro — procuro! — encontrá-lo em todas as circunstâncias da vida. Procuro... Encontro-o na leitura da Bíblia, encontro-o na celebração dos Sacramentos, na oração, e procuro encontrá-lo também no meu trabalho, nas pessoas, nas várias pessoas... Encontro-o sobretudo nos doentes: os enfermos fazem-me bem, pois quando me encontro com um doente, interrogo-me por que motivo ele sim e eu não? E encontro-o nos prisioneiros: por que razão tal pessoa está encarcerada e eu não? E falo com Deus: «Cometes sempre uma injustiça: porque a ele sim e a mim não?». E em tudo isto encontro Deus, mas sempre no diálogo. Faz-me bem procurar encontrá-lo durante o dia inteiro. Não consigo, mas procuro fazer isto, permanecer em diálogo. Não consigo fazer precisamente assim: os santos faziam-no bem, mas eu ainda não... Contudo, este é o meu caminho!

Uma jovem: Dado que não creio em Deus, não consigo compreender como Vossa Santidade reza, ou até por que motivo reza. Pode explicar-me como reza, na sua veste de Pontífice, e por que motivo reza? Da maneira mais concreta possível...

Como rezo... Muitas vezes pego na Bíblia e leio um pouco; depois, ponho-a de lado e deixo-me olhar pelo Senhor: esta é a ideia mais comum da minha oração. Deixo-me olhar por Ele. E ouço — mas não se trata de sentimentalismo — ouço atentamente aquilo que o Senhor me diz. Às vezes Ele não fala... nada, vazio, vazio, vazio... mas, pacientemente, permaneço ali e assim rezo... Rezo sentado, porque me faz mal ajoelhar-me, e por vezes, durante a oração, chego a adormecer... Também este é um modo de rezar, como um filho diante do Pai, e isto é importante: sinto-me como um filho com o Pai. E por que motivo rezo? «Porquê» como causa, ou por quais pessoas rezo?

Ambos...

Rezo porque tenho necessidade. Sinto isto, algo que me impele como se Deus me chamasse para falar. Esta é a primeira coisa. E rezo pelas pessoas, quando encontro pessoas que me impressionam porque estão doentes ou devem enfrentar problemas, ou quando existem questões que... por exemplo, a guerra... Hoje encontrei-me com o núncio na Síria; ele mostrou-me algumas fotografias... e estou convicto de que hoje à tarde rezarei por isso, por aquele povo... Mostraram-me fotografias de pessoas mortas de fome, só ossos... nesta época — não entendo isto — quando dispomos do necessário para dar de comer ao mundo inteiro, que ainda haja pessoas que morrem de fome, para mim é terrível! E isto leva-me a orar, precisamente por estas pessoas.

Tenho os meus receios: de que tem medo Vossa Santidade?

De mim mesmo! Medo... Olha que no Evangelho Jesus repete muitas vezes: «Não tenhais medo! Não tenhais medo!». Di-lo tantas vezes. E por quê? Porque Ele sabe que o medo é algo, diria, normal. Temos medo da vida, tememos diante dos desafios, sentimos receio perante Deus... Todos nós temos medo, todos! Tu não deves preocupar-te por teres medo. Deves sentir isto, mas não deves ter medo; depois, pensa: «Por que motivo tenho medo?». Diante de Deus e de ti mesma, procura esclarecer a situação, ou pedir ajuda a alguém. O medo não é um bom conselheiro, porque te aconselha mal. Leva-te a percorrer um caminho que não é a senda recta. Era por isso que Jesus dizia sempre: «Não tenhais medo! Não tenhais medo!». Além disso, temos o dever de nos conhecermos a nós mesmos, todos: cada qual deve conhecer-se a si mesmo, procurando os pontos nos quais podemos cometer mais erros, e ter um pouco de receio daqueles pontos. Pois existe o medo mau e o medo bom. O medo bom é como a prudência. Trata-se de uma atitude prudente: «Olha, tu és frágil nisto, nisso e naquilo; sê prudente para não caíres!». O medo mau é aquele ao qual te referes, que te anula, que te aniquila. Aniquila-te, não te deixa fazer algo: este medo é negativo e é preciso rejeitá-lo.

A tradutora: Ela (a jovem) fez esta pergunta, porque na Bélgica às vezes não é fácil, por exemplo, falar da própria fé: este era para ela também um modo de o fazer, porque muitos não acreditam, e por isso ela disse: «Quero fazer esta pergunta, porque também eu desejo ter a força de testemunhar»...

Eis que agora entendo a raiz da pergunta. Dar testemunho com simplicidade. Porque se tu fores em frente com a tua fé como uma bandeira, como nas cruzadas, para fazer proselitismo, não funcionará. O melhor caminho é o testemunho, mas humilde: «Eu sou assim», com humildade, sem triunfalismo. Este é mais um dos nossos pecados, mais uma das nossas atitudes negativas, o triunfalismo. Jesus não foi triunfalista, e também a história nos ensina a não ser triunfalistas, porque os grandes triunfalistas foram derrotados. O testemunho: ele é uma chave, ele interpela. Eu dou testemunho com humildade, sem fazer proselitismo. Ofereço-o. É assim. E isto não causa medo. Não partas para as cruzadas!

A tradutora: Há uma última pergunta...

A última? A última é sempre terrível...

Eis a nossa última pergunta: Vossa Santidade tem uma pergunta para nós?

Não é original a pergunta que eu quero dirigir-vos. Tiro-a do Evangelho. Mas na minha opinião, depois de vos ter ouvido, talvez seja a pergunta certa neste momento para vós. Onde está o teu tesouro? Esta é a pergunta. Onde descansa o teu coração? Em que tesouro repousa o teu coração? Porque onde estiver o teu tesouro, ali estará a tua vida. O coração está apegado ao tesouro, a um tesouro que todos nós temos: o poder, o dinheiro, o orgulho, tantos... ou a bondade, a beleza, o desejo de fazer o bem... Pode haver muitos tesouros... Onde está o teu tesouro? Esta é a pergunta que eu vos faço, mas deveis dar a resposta a vós mesmos, sozinhos! Na vossa casa...

Dar-lhe-ão a conhecer a resposta com uma carta...

Que a entreguem ao bispo... Obrigado, muito obrigado! E orai por mim.